



## ***Romper o solo instável***

**Estudos sobre a Herança Filosófica e  
Poético-Política de José Saramago**

Rodrigo Herrera Alfaya / Mafalda Pereira (eds.)

Umschlagabbildung: Graça Morais: *O Ano de 1993* [Gedicht 1], 1987. Das Originalgemälde wurde dem Schriftsteller José Saramago von der Künstlerin anlässlich der Veröffentlichung des Buches überreicht. Es war nicht möglich, die technischen Details oder Maße des Gemäldes zu überprüfen.

I Cátedra Internacional  
José Saramago



# Universidade de Vigo POEPOLIT II

This edition has been elaborated under the auspice of the research project “Contemporary Poetry and Politics: Social Conflicts and Poetic Dialogisms (POEPOLIT II, PID2019-105709RB-I00, 2019–2024)”, and the International José Saramago Chair of the University of Vigo (funded by the Camões I. P. and the Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias).

*peer reviewed content*



CC-BY-NC-ND

ISBN 978-3-7329-1070-0

ISBN E-Book 978-3-7329-8855-6

ISBN Open Access 978-3-7329-8854-9

ISSN 2194-752X

DOI 10.26530/20.500.12657/95477

Frank & Timme GmbH Verlag für wissenschaftliche Literatur  
Berlin 2024.

Herstellung durch Frank & Timme GmbH,  
Wittelsbacherstraße 27a, 10707 Berlin, info@frank-timme.de.

Printed in Germany.

Gedruckt auf säurefreiem, alterungsbeständigem Papier.

[www.frank-timme.de](http://www.frank-timme.de)

## José Saramago na primeira proximidade afetiva e intelectual à Galiza

### Do filogaleguismo ao federalismo hispânico

Vou referir-me a algo de que já tenho dado fragmentária conta escrita, algo que é aliás conhecido entre um pequeno e veterano círculo galeguista/reintegracionista. Tal conhecimento não creio que chegasse a extravasar vias tão periféricas, ao ponto de inspirar títulos como o desta mesa, mas entrará bem no espírito dela e poderá talvez complementar outros indícios apanhados em numerosas abordagens críticas e retratos saramaguianos, estes sim bem publicitados, e com certeza promotores do apelativo colóquio para hoje proposto<sup>1</sup>. Para abreviar, será nos dados e depoimentos que acompanham a produção literária do homenageado, e na sua cronologia, que mais colocaremos foco. Faremos portanto uma espécie de síntese sobre aprendizagens, relações e afirmações do próprio José Saramago, que precedem e acompanham a sua escrita, tecendo, porém, algumas considerações sobre o seu livro *A Jangada de Pedra*. Isto é, o autor, nos anos imediatamente anteriores e coincidentes com a edição desta obra (1986), aprendeu, interagiu e *pensou* a Galiza com alguma intensidade, veemência, e naturais projeções de futuro, ao ponto de ser razoável admitir

.....

- 1 N.E.: Decorrida no âmbito da VII Conferência Internacional José Saramago — “A Herança Filosófica e Sócio-Política de José Saramago”, a mesa-redonda a que o autor se refere intitulou-se “A Galiza e o futuro: pensando a partir de Saramago”. Moderado por Xosé María Gómez Clemente, este debate contou com a participação do autor, Carlos Quiroga, de Helena González Fernández e de Marco Neves.

que disso ficassem marcas na escrita. Algumas delas, mais anedóticas, serão aqui apontadas.

Saramago pensou-nos primeiro, ou pensou a Galiza, precisamente a partir de um passado que tinha buscado com boa intuição e disposição, desde logo acima da média da intelectualidade lusitana. Esta procura, frequência e pensamento da Galiza acontece em Saramago na sua etapa central — e já para muita opinião crítica a mais fecunda— de produção literária, aquela que em termos editoriais arranca com *Memorial do Convento* (1982). Aquando do seu falecimento com 87 anos de idade, junho de 2010, deixava para o mundo uma imagem de conjunto coroada pelo reconhecimento bombástico do Prémio Nobel de Literatura de 1998, momento em que a sua vida pessoal, preocupações e até perfil de compromisso se tinham alterado prodigiosa e logicamente para ter um desígnio mais amplo e universal, ficando aquela fase central a que me referia, com os seus entusiasmos concretos em que tinha entrado a Galiza, algo longínqua e ligeiramente apagada por outras polémicas e exaltações últimas.

Tenha-se em conta ainda que naquela produtiva etapa, anterior ao Prémio, Saramago era caracterizado fundamentalmente como um autor de ‘romance histórico’. Embora recusasse um pouco tal etiqueta para si, pois *História do Cerco de Lisboa* (1989) que “não é um romance histórico”, afirma o autor em *A Estátua e a Pedra*, “É um romance que questiona a ‘verdade histórica’, aquilo a que chamamos a ‘verdade histórica’” (Saramago 1999: 57), será o paradigma de narrativa histórica a primeira estrutura sistémica que lhe cabe. O que em sentido genérico se possa entender por ‘romance histórico’ inicia-se no caso lusitano como noutras literaturas, no Romantismo, e é Alexandre Herculano de Carvalho (1810-1877) quem introduz em Portugal o novo modelo consagrado por Walter Scott. Garrett seguiu-lhe as pisadas (na realidade *O Arco de Sant’ Ana* (1845) teria sido começado antes que as *Lendas e Narrativas* (1851) de Herculano, mas seria publicado depois). Perdida inteiramente a tradição do romance de cavalaria, do romance bucólico e da novela sentimental, desvalorizada a ficção alegórica didática, seria, de facto, o romance histórico o iniciador da novelística portuguesa moderna. Na senda destes autores coloca-se Saramago, na procura da sua própria voz e singularidade, que acha no pano de fundo histórico um terreno ideal para o seu trabalho de revisão, desconstrução ou desmontagem. Antes de Saramago, antes das quebras híbridas que trouxe a

pós-modernidade — e há outros exemplos evolutivos ou comportamentos/tratamentos de variedades genéricas talvez mais esclarecedores, tipo policial, que estavam inclusive fora do considerado literariamente nobre—, nessa antessala em que se preparam novas ousadias para o tratamento literário do material que oferecia a História (e Saramago só tinha publicado ao todo e durante quase trinta anos *Terra do Pecado*, 1947, e mais alguns livros de poemas e crônicas com pouco sucesso), era consensual distinguir apenas duas sortes de romance de género histórico: os ‘sérios’, como os considerados no estudo célebre e único de György Lukács —*Le roman historique* (1972)—, e os outros, que se colocam nas bancadas do simpático Alexandre Dumas, a quem anda atribuída a sentença pungente de que se pode violar a História sob condição de lhe fazer formosos filhos, como se consegue verificar numa simples pesquisa na internet.

Saramago foi neste último rumo, tentando fazer à História formosos filhos ao questionar aquilo a que chamamos a ‘verdade histórica’. E a posição singular que o autor atingiria no social, ideológico e literário, com o seu peculiar uso dos recursos da língua portuguesa —‘estilo’, dito nele barroco, de diálogo embutido na narrativa, léxico antigo cortado por atual, mão dada com alguma frequência ao leitor, com quem não raramente partilha algumas cumplicidades na construção do artefacto que este manipula—, parte desse horizonte, o questionamento da ‘verdade histórica’. Na visão completa do discurso literário saramaguiano, esse ponto de partida ancorado no arcabouço da História, e até a caminhada prolongada nessa trilha, não tem escapado a olhares vários. Como já afirmei noutro lugar, seguindo Miguel Real, pode observar-se como Saramago vai evidenciando um propósito comprometido, de carácter histórico e extraliterário, desdobrado em duas faces,

primeira, deconstruir verdades estereotipadas, preconceitos do senso comum, grandes mitos ocidentais, que têm sustentado a construção da história, em especial de Portugal; e segunda, pôr em evidência perversões, intimamente vinculadas ao poder, em que se funda a interpretação dessa história. (Quiroga 2010: 27)

Assim sendo, no questionamento da verdade histórica, em especial a de Portugal, contrariando ao mesmo tempo as perversões em que se fixou o poder,

interpretando-a, cabe acaso não aparecer a Galiza, não se admirar como aparece, até como falta, e daí não pensar a Galiza na jangada do futuro?

É verdade que Saramago não se parou no passado e interessa-lhe o presente, a partir do qual se interroga o futuro. Nesse rumo é fácil cansar-se ou esquecer-se da Galiza, ou apontar com mais energia para outras frentes, revisitando grandes conceitos filosóficos fundadores e reitores da civilização ocidental, para subverter os seus conteúdos semânticos tradicionais. Nesse esquema mais amplo, a Galiza não é mais que um ente como os demais à deriva. A desconstrução, por exemplo, do mito fundador da religião judaico-cristã acometida com *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), algo a que já se aproximaram as peças de teatro *A Segunda Vida de Francisco de Assis* (1987) e *In Nomine Dei* (1993), completando a empreitada finalmente com *Caim* (2009). Como é evidente, sem desconsiderar estas preocupações, “Talvez o melhor Saramago se ache na desconstrução da história ibérica e de Portugal, e de alguns dos seus momentos determinantes” (Quiroga 2010: 27). Coincidiu com muitos leitores e estudiosos no deslumbramento que causaram no seu dia o *Memorial do Convento*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* e *A Jangada de Pedra*. O último título de Saramago, *Caim*, terá fechado a linha aludida de inquietação religiosa, mas não terá acrescentado grandes fulgores à sua carreira, para além de completar apenas o quadro desconstrutivo antes referido.

Na revisitação da História ibérica e de Portugal, pensar e enquadrar a Galiza era, pois, incontornável, como já tinha acontecido no *Herculano* do *Eurico, o Presbítero* (1844), quando aborda a invasão árabe e os inícios da ‘Reconquista’, e *d’O Bobo* (1843), quando se relata a constituição de Portugal como reino independente. E já tenho observado noutras lugares como fica em evidência a dificuldade da historiografia portuguesa que no melhor dos casos se vê obrigada a escrever ‘Portugal’ entre aspas para se referir à História do espaço ‘nacional’ entre os séculos XI e XII, não só pelo que se refere ao norte, mas ainda muito mais, e necessariamente, pelo contexto da realidade muçulmana, pelo que se refere ao sul. Tampouco a historiografia espanhola, tomando o hábito precoce de apagar o nome da Galiza nas denominações dos reinos cristãos, resiste pela sua parte um olhar revisionista e de desmontagem. Na senda de *Herculano*, sem necessidade de mergulhos tão completos como aquele (György Lukács diria que escolhendo a via Dumas, menos séria e assumidamente violentadora

ou subversora das verdades instituídas), encontra Saramago motivos de questionamento para meter em quadro a Galiza, pensá-la desde os períodos mais clássicos até à fase das democracias e União Europeia, e acabar na proposta d' *A Jangada de Pedra*, editada em 1986.

É por esta altura que Saramago, sem uma grande formação, mas com uma grande intuição, se acha no período mais entusiasta e 'aprovisionado' de informações históricas suficientes para tomar posições acerca da Galiza. É por este tempo, até pelos motivos ditos de descoberta e aproximação do próprio Saramago, que também nalguns círculos da Galiza se conhece o autor de modo tão íntimo como em círculos portugueses, e desde logo mais que em qualquer outro fora de Portugal. Tem muito que ver nisso a intermediação feita durante anos por Maria Elvira Souto Presedo, inicialmente com a aproximação ao autor durante a festa do *Avante!*, no verão de 1983, em Lisboa, quando ela escrevia a sua tese de mestrado. Esta teria ainda a sua continuação na tese de doutoramento — *O romance português actual, uma literatura de autognose* (1989)—, em que por vez primeira se estudava parte da obra de Saramago num trabalho desta natureza. Por via da Professora Souto Presedo tenho a confirmação de que nos romances *A Jangada de Pedra*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, e *História do Cerco de Lisboa*, não só aparecem personagens de origem galega, como na sua construção há homenagens a pessoas reais da nossa terra. O criado galego do hotel Bragança, chamado Ramón (que “mora na Rua dos Cavaleiros” (1984a: 116) e serve de confidente à mesa de jantar ao Ricardo Reis saramaguiano), leva esse nome para honrar o companheiro de Elvira Souto —eis a anedótica, mas afável, marca de relacionamento que mais atrás insinuei—.

Em reciprocidade, por causa destas trocas e aprovisionamento de informações, e delas derivados, para além das suas próprias procuras imediatas para a escrita da *História do Cerco de Lisboa* (onde há outras homenagens, neste caso ao saudoso Mário Joaquim Gomes dos Santos, um comunista irredento que nesse tempo também era o nosso leitor de português na faculdade compostelana), foi-se gerando em Saramago uma simpatia ideológica e de resistência muito especial. Na celebração do 25 de Julho de 84, em Lisboa, numa casa de comidas da Baixa, em que os estudantes da Galiza do Curso de Férias eram acompanhados por Saramago, este era animado a falar pela sua companheira na altura, Isabel da Nóbrega, e ele se lançava a discursar. E na boa meia hora

de discurso, Saramago proferia frases do tipo “Galiza não é Espanha, Galiza tem direito a ser livre”, “a Galiza tem direito a olhar para Portugal”, “Portugal tem de olhar para a Galiza”, “Galiza tem em Portugal o seu sul”, “Portugal o seu norte na Galiza”, “a língua da Galiza é a língua de Portugal”, “a língua de Portugal é a língua da Galiza”, etc. Elvira Souto recuperou, a pedido explícito, a memória deste discurso para o suplemento da *Agália*, nº 64 (cf. Souto Presedo 2000). Um discurso improvisado e proferido 14 anos antes do Nobel, numa altura em que Saramago nos frequentava em trincheiras que partilhava ampla e radicalmente. Participou, por exemplo, no II Congresso Internacional da AGAL, em 1987, com a comunicação “Um ponto de vista de escritor: necessária reinvenção da língua portuguesa” (Saramago 1989a). A comunicação de Saramago foi lida na mesa da última sessão de dia 27 de Setembro, sentado ao lado de Carvalho Calero. E por certo, como se pode comprovar no texto da comunicação recolhido nas Actas do II Congresso Internacional da Associação Galega da Língua (881-885), Saramago fala de certo decaimento no português escrito, depois do alto grau de beleza e precisão no século XVII, mas salva “algumas intermitências fulgurantes (Garret [sic.] em primeiro lugar)” (Saramago 1989b: 882), delatando leitura e admiração neste tributo ao fundador do romance histórico. Também refere que “A História, que antes não fazia mais que andar, voa agora” (Saramago 1989a: 883), preparando-nos para as junções e desmontagens do relato do passado e presente, também político, a que os seus projetos de escrita apontam.

Esse Saramago era ‘nosso’ e atendia cordialmente entrevistas solicitadas para publicações inverosímeis, como o meu *Mono da Tinta* daquela época (Saramago 1987a), ou depois a de Pedro Casteleiro e Antom Malde para *Folhas de Cibrão*, em 1990, em que Saramago se confessava ainda “radical” e assegurava que “o galego não tem outra maneira de defender-se do castelhano, senão aproximando-se do português” (Saramago 1998). Desta entrevista (também publicada em *Çopyright*, 1998, ainda hoje patente na web, tal como noutros blogues como *desaramago.blogspot.com*) vou retirar ainda algum trecho que aproveita para o espírito desta mesa, no sentido de —nessa altura— a Galiza na jangada do futuro ser imaginada no esquema de um federalismo hispânico, com relações multilaterais, no lugar de bilaterais Portugal-Espanha, e todo o conjunto ao abrigo de uma Europa da que se deve desconfiar:

A solução para a Espanha é chegar à figura de uma federação. Então as relações entre Portugal e a Espanha deixariam de ser, como são, predominantemente relações bilaterais, entre Estado e Estado, para se tornarem relações multilaterais, relação entre Portugal e Catalunha, entre Portugal e Andaluzia, entre Portugal e a Galiza. (*ibid.*)

Algo parecido tinha manifestado, poucos meses antes, noutra entrevista conduzida por J. Rentes de Carvalho, que traduzida em neerlandês fora publicada em Amsterdão no matutino *De Volkskrant*<sup>2</sup>, falando de diferenças que não existem só entre Portugal e a Espanha, porque existem dentro da própria Espanha:

eu creio que nalguns aspectos as diferenças no interior da Espanha podem até ser maiores do que aquelas que há entre nós e os espanhóis tomados no seu conjunto. A Catalunha não é a Andaluzia, a Andaluzia não é a Galiza, e assim por diante. (Saramago 1989b)

Na pergunta aludia-se ao iberismo e à possibilidade da fusão de Portugal com Espanha, e nesse sentido Saramago acrescenta mais adiante o seguinte:

A União Ibérica não faz sentido nenhum, e eu próprio, que tenho a fama de ser iberista, não vejo que haja qualquer viabilidade nessa ideia. O que me parece, contudo, é que embora o iberismo esteja morto, nós não podemos viver sem um iberismo, uma ideia ibérica. E afinal de contas, se é possível uma ideia europeia, se é possível o maior, porque é que não há-de ser possível o menor? (*ibid.*)

O entendimento Galiza/Portugal privilegiado, que tinha considerado e formulado com intensidade em dado momento, transitou por um federalismo e multilateralismo para acabar apagando-se, descrendo num iberismo equidistante e dando inclusive uma rotação final mais dececionante ou resignada, como vamos ver. Tanto as circunstâncias pessoais como a mudança de prioridades

.....

2 Publicado em 10 de março de 1989.

nos motivos que lhe ocupavam pensamento e mesmo horizonte literário, com algum lógico peso da alta distinção em que o Nobel o colocou, desviaram Saramago de uma preocupação isolada e (digamos) egoísta da e pela Galiza. Noutra entrevista concedida a Elias Torres Feijó para *Tempos Novos* (“Com polémica lucidez”), passará muito de leve e até por cima dos futuríveis relativos à Galiza da última pergunta, remetendo já para a incerteza do que virá com a União Europeia. E em 2007, no polémico depoimento que deu para o *Diário de Notícias*<sup>3</sup>, fala já como se sabe até da integração de Portugal em Espanha. Recordemos que, a propósito do futuro de Portugal na Península Ibérica, Saramago afirma que está composto de nacionalidades, sim, e nalguns casos com línguas diferentes, mas que tem vivido mais ou menos em paz, e que “teríamos tudo a ganhar em desenvolvimento nesse tipo de aproximação e de integração territorial, administrativa e estrutural” (Saramago 2007), acrescentando, depois de um pedido para esclarecer se a categoria de Portugal passaria a provincial, a confirmação do seguinte modo:

— Seria, então, mais uma província de Espanha?

— Seria isso. Já temos a Andaluzia, a Catalunha, o País Basco, a Galiza, Castilla la Mancha e tínhamos Portugal. Provavelmente [Espanha] teria de mudar de nome e passar a chamar-se Ibéria. Se Espanha ofende os nossos brios, era uma questão a negociar. O Ceilão não se chama agora Sri Lanka, muitos países da Ásia mudaram de nome e a União Soviética não passou a Federação Russa? (*ibid.*)

Saramago voltou à Galiza várias vezes. Em 7 de abril de 1999 regressou para encerrar a Semana Galega de Filosofia em Pontevedra, cujo tema central era precisamente nesse ano a ‘Autodeterminação’. Mas dela e da Galiza não falou. O seu discurso foi dedicado à denúncia da injustiça social e das necessidades, num decalque genérico da resposta de aceitação do Nobel diante da Academia sueca. A guerra dos Balcãs estava a correr e o autor tildava de fascista Milosevic. Ao mesmo tempo, qualificava de disparatada a resposta com bombas da OTAN para frená-lo. Para além dos tristes paralelismos da situação bélica que quei-

.....

3 Publicado em 15 de julho de 2007.

ramos fazer com o nosso presente, o caso é que o pensamento sobre a Galiza tinha já nula presença na viragem do século em Saramago, como recordará o *Diário de Pontevedra* relativamente a esta passagem, com destaque para o seu ‘ceticismo’ civilizacional (Rozas 2019: 8).

Ignoro se é verdade que, nesta ou noutra posterior ocasião, tivesse respondido para um antigo meu aluno, reintegracionista ele, que era preferível deixarmo-nos dessa teima e escrever em espanhol —para escândalo daquele, e do primitivo círculo de acólitos galeguistas—. Esse intelectual que uma década atrás se tinha manifestado ‘radical’ nesse assunto, e afirmado que,

essa tentativa de aproximação da norma portuguesa, que muitos defendem com muita força, pode não ser alcançável, quer dizer, pode até eventualmente não ser útil, completamente útil. Mas penso que os que defendem essa aproximação tão radical, aquilo que no fundo estão a fazer é a querer defender-se do castelhano. E a verdade é que o galego não tem outra maneira de defender-se do castelhano, senão aproximando-se do português. (Saramago 1998)

A causa galega, que aquela corte de admiradores supunha ter tomado como própria, julgou-se já ausente na cabeça do escritor. Contudo, lembro-me de amigos íntimos de Saramago, como Fernando Canedo, ao ouvir queixas galegas do afastamento do autor (tínhamos o seu telefone em Tias, mas era impossível falar com ele), defender a permanência dos seus ideais de sempre. Talvez tenha sido assim porque provavelmente a sua causa se foi comprometendo mais com o universal, e porque eventualmente o grande prémio o afastou do simples compromisso local. Algo que antes podia praticar descontraidamente. Algo que deixamos de poder avaliar de perto, como dantes vinha acontecendo durante o período da sua mais admirável produção escrita. De qualquer modo, ainda que as declarações e o percurso social e político sejam inseparáveis dos contributos literários, costumam ser estes os que perduram e sustentam, com maior permanência, a memória e segunda vida do escritor. Nela estará a Galiza, também perdurável, porque está com devoção.

# Referências

- ACADEMIA SUECA (1998). “Prémio Nobel da Literatura 1998 – Comunicado à imprensa”, <[http://www.nobelprize.org/nobel\\_prizes/literature/laureates/1998/press-po.html](http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1998/press-po.html)> (último acesso em 23/01/2023).
- AGAMBEN, GIORGIO (2012). “Tempo e História: crítica do instante e do contínuo”, in *Infância e História. Destruição da Experiência e Origem da História*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora Ufmg/Humanitas.
- AGUILERA, FERNANDO GÓMEZ (2010). *José Saramago nas suas palavras*. Alfragide: Ed. Caminho.
- (2010a). *As palavras de José Saramago: catálogos de reflexões pessoais, literárias e políticas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (Org.) (2021). *José Saramago nas suas palavras*. Porto: Porto Editora.
- ALCÁRAZ, JOSEFINA E FUENTES, FERNANDO (2005). *Performance y arte-acción en América Latina*. México: Ediciones Sin Nombre.
- ALMEIDA, ANTÓNIO (2014). *Um novíssimo testamento para o século XXI: a reescrita dos Evangelhos em Gore Vidal e José Saramago* [Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Ingleses e Norte-Americanos]. Repositório da Universidade Nova-FCSH, <<http://hdl.handle.net/10362/14559>>, (último acesso em 17/12/2022).
- ALMOND, PHILIP C. (2021). *O Diabo. Uma biografia*. Petrópolis: Editora Vozes.
- ALONSO, SOL (2024). “Função e acto transferidos”, in *O Ano de 1993. Graça Morais, José Saramago*, Catálogo da exposição (Coords.) Burghard Baltrusch, Joana Baião e Egídia Souto, Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 51.
- ANDERSON, BEN (2009). “Affective atmospheres”, *Emotion, Space and Society*, Vol. 2, 77-81.
- ANDRADE, CARLOS DRUMMOND (1983). *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Aguillar.
- APOLLINAIRE, GUILLAUME (1913). *Les Peintres Cubistes*. Paris: Éditions de la Nouvelle Revue Française.
- AQUINO, TOMÁS DE (2017). “Suma Teológica”. Trad. Alexandre Correia. <<https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>>, (último acesso: 27/10/2020).
- ARENDT, HANNAH (1970). *On Violence*. Orlando: Houghton Mifflin Harcourt.
- ARIAS, JUAN (2004). *José Saramago: o amor possível*. Rio de Janeiro: Manati.
- ARNAUT, ANA PAULA (2008). *José Saramago*. Lisboa: Edições 70.
- BAIÃO, JOANA, BALTRUSCH, BURGHARD E SOUTO, EGÍDIA (Coords.) (2022). *A Arte de Pensar O Ano de 1993*. Vigo: Universidade de Vigo / I Cátedra Internacional José Saramago; Bragança: Instituto Politécnico de Bragança / Laboratório de Artes na Montanha – Graça Morais, <<http://hdl.handle.net/10198/28304>>.

- BAKHTIN, MIKHAIL (1990). *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Ucitec.
- BALTRUSCH, BURGHARD (2014). “O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia’ sobre utopia e ficção em José Saramago”, in *Estudos sobre Utopia e Ficção em José Saramago*, Berlin: Frank & Timme, 9-18.
- (2014). “Mulher e utopia em José Saramago – a representação da Blimunda em José Saramago em Memorial do Convento”, in Burghard Baltrusch (Ed.). *O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia. Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago*. Ibero-Romance Studies in Literature and Translatology – Studies in Contemporary Literature, IV. Berlin: Frank & Time, 155-179.
- (2017). “Fendas poéticas no espaço público: sobre os ofícios múltiplos da street art em Banksy e ±MaisMenos±”, in Joana Matos Frias, Pedro Eiras e Rosa Maria Martelo (Org.). *Ofício Múltiplo – poetas em outras artes*. Porto: Edições Afrontamento, 369-391.
- (2018). “Poetics in Public Space – Towards a Hermeneutic Framing of Ephemeral Poetic Expressions”. *Cosmos and History: The Journal of Natural and Social Philosophy*, 14:3, 2018, 168-195.
- (2020). “A arte é o que fica no história’ O Ano de 1993 de José Saramago e as ilustrações de Graça Morais”. *The Bulletin of Hispanic Studies*, 97: 7, 763-787 [ 20 de enero de 2024] <<https://doi.org/10.3828/bhs.2020.44>>
- (2021). “‘All poetry is political’ — Elementos para pensar o poético e o político na actualidade.” Burghard Baltrusch (Coord.), Ana Chouciño, Alethia Afonso e Antía Monteagudo (Ed.). *Poesía e política na actualidade. Aproximações teóricas e prácticas*. Porto: Edições Afrontamento, 29-55.
- (2022). “Sobre o poético e o político em José Saramago”. *Cincinnati Romance Review*, 35-52.
- (2024). “Salvação dos mundos?.” Pedro Eiras (Org.), in *Libretos. Materiais para a salvação do mundo* 8. Porto: ILCML, 17-32.
- BALTRUSCH, BURGHARD E BAIÃO, JOANA (2022). “Catálogo Exposição. Graça Morais e José Saramago: A arte de pensar O Ano de 1993”. Vigo: Universidade de Vigo/I Cátedra Internacional José Saramago/Instituto Politécnico de Bragança/Laboratório de Artes na Montanha-Graça Morais.
- BALTRUSCH, BURGHARD E VIDAL, ALBA (2023). Transcrição da entrevista a José Saramago de José Carlos de Vasconcelos do 17 de setembro de 1974. Disponível em <https://catedrasaramago.webs.uvigo.es/Uploads/archivos/entrevista-17-09-1974-rtp-d89490.pdf>
- BALTRUSCH, BURGHARD, BAIÃO, JOANA E SOUTO, EGÍDIA (2024). *A Arte de Pensar O Ano de 1993*. Catálogo da exposição na FBAUL, 14-30 de Março de 2024. Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.
- BATAILLE, GEORGES (2009). *O Erotismo*. Trad. João Bénard da Costa. Lisboa: Antígona.
- (2017). *A Literatura e o Mal*. Lisboa: Letra Livre.
- (2021). *O Erotismo*. Lisboa: Edições 70.

- BAUDELAIRE, CHARLES (1985). *As Flores do Mal*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- BAUMAN, ZYGMUNT (1998). *O Mal-estar da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- (2000). *Liquid Modernity*. Cambridge: Polity Press.
- BECERRA DE BECERREÁ, AFONSO (2018). *Confio-te o meu corpo. A dramaturgia pós-dramática*. Santiago de Compostela: Através Editora.
- BENJAMIN, WALTER (1987). *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.
- (2008). *Tesis sobre la historia y otros fragmentos*. México: Ítaca.
- (2009). *Passagens*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Irene Aron. Belo Horizonte: Editora Ufmg e São Paulo: Imprensa Oficial.
- BENKO, GEORGES (1988). “A Pós-Modernidade e o Geógrafo”, *Geosp – Espaço e Tempo*, 6, 95-104.
- BERBEL GARCÍA, ROSA MARÍA (2020). “Las fronteras del género: intermedialidad y performatividad en la poesía de Lola Nieto”, *Revista Sonda, investigación en Artes y Letras*, 9, 131-145. <<https://polipapers.upv.es/index.php/sonda/article/view/17860/15103>>
- BÍBLIA DE JERUSALÉM (2002). São Paulo: Paulus.
- BÍBLIA SAGRADA (1986). Trad. Costa, Alcindo *et al.* Lisboa: Difusora Bíblica.
- BOURDIEU, PIERRE (1999). *A Dominação Masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BRACAMONTE, JIMENA E ARIEL GOMEZ PONCE (2016). “Un elefante que calla, un humano que se interroga: José Saramago en(tre) la frontera de la comunicación animal el lenguaje humano”. *Revista de Estudos Saramaguianos*, 1:3, 63-82.
- BRAIDOTTI, ROSI (2015). *Lo Posthumano*. Barcelona: Gedisa.
- BURKE, PETER (1992). *A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)*. Trad. Nilo Odalia. São Paulo: Editora Unesp.
- (2008). “Montaigne and the ideia of essay”, in *Montaigne y su Mundo*. Madrid: Fundación Juan March. Disponível em: <https://canal.march.es/es/coleccion/montaigne-su-mundo-i-montaigne-idea-ensayo-ingles-con-traduccion-21690>, (último acesso em 20/08/2022).
- BYRON, LORD (2021). *Caim. Um mistério*. São Paulo: Clepsidra.
- CAPPELLI, MARCIO (2019). *A Teologia Ficcional de José Saramago. Aproximações entre Romance e Reflexão Teológica*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- CASTELLS, M. (2003). *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Revisão de Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Zahar.
- (2010). *A sociedade em rede — A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Trad. Roneide Venancio Majer. 6a ed. São Paulo: Paz e Terra.
- CERDEIRA, TERESA CRISTINA (2018). *José Saramago entre a História e a Ficção. Uma Saga de Portugueses*. Belo Horizonte: Editora Moinhos.
- CHOMSKY, NOAM E FOUCAULT, MICHEL (2006). *The Chomsky-Foucault Debate*. New York: The New Press.

- COLETIVO DAS EDIÇÕES AVANTE (2022). *José Saramago um escritor com o seu povo*. Lisboa: Edições Avante.
- COSTA, HORÁCIO (1996). “José Saramago e a tradição do romance histórico em Portugal”, *Revista USP*, 40, 96-104.
- (2022). *José Saramago, 6 de Novembro de 1985*. Cotia: Ateliê Editorial
- (2020). *O Período Formativo*. Belo Horizonte: Editora Moinhos.
- (2021). “O primeiro som: José Saramago e o (longo) caminho à palavra”, *Revista de Estudos Saramaguianos*, 13.
- DE SALLES VILLAR, MAURO E HOUAISS, ANTONIO (2009). Sedição, in Grande Dicionário Houaiss. <<https://houaiss.uol.com.br/>> (Último acesso em: 28/06/2022).
- DEBORD, GUY (2021) [1967]. *A Sociedade do Espetáculo*. Trad. Francisco Alves e Afonso Monteiro. Lisboa: Antígona.
- (1997). *A Sociedade do Espetáculo*. <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/soce-spetaculo.html>>. (último acesso em 23/01/2023).
- DEIFELT, WANDA (2016). “Maria Madalena e as discípulas de Jesus. Protagonistas que resistem a um apagamento. Entrevista especial com Wanda Deifelt”, *Revista IHU On-Line*, 23-27. <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/557752-maria-madalena-e-as-discipulas-de-jesus-protagonistas-que-resistem-a-um-apagamento-entrevista-especial-com-wanda-deifelt>>, (último acesso em 13/08/2020).
- DEL RÍO, PILAR (2012). “Entra, chegaste à tua casa”, *Blimunda*, Lisboa, 3, 45-46.
- DENIS, BENOIT (2002). *Literatura e Engajamento: de Pascal a Sartre*. Trad. Luiz Dagoberet de Aguirra Roncari, Bauru: EDUSC.
- DERRIDA, JACQUES (2006). *El animal que luego estoy si(gui)endo*. Madrid: Editorial Trotta.
- DESCHNER, KARLHEINZ (1993). *Historia Sexual del Cristianismo*. Zaragoza: Editorial Yalde.
- DIDI-HUBERMAN, GEORGES (2012). *La supervivencia de las luciernagas*. Madrid: Abada Editores.
- DUARTE, EDUARDO (2024). “Uma exposição na cisterna”, in *O Ano de 1993*. Graça Moraes, José Saramago. Cat. exposição, (Coords.) Burghard Baltrusch, Joana Baião e Egídia Souto, p. 7. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.
- DUARTE, HELENA VAZ (2012). “O cão, personagem dos romances de José Saramago”, *Blimunda*, Lisboa, 30, 41-46.
- DUPAS, GILBERTO (2011). *Ética e poder na Sociedade da Informação: de como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso*. São Paulo: Editora Unesp.
- EAGLETON, TERRY (2019). *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes.
- ECO, UMBERTO E MARTINI, CARLO (2020). *Em que crê quem não crê? Um diálogo sobre a ética*. Trad. V. Marques e A. M. Rocha. Lisboa: Gradiiva.
- (2003). *O Nome da Rosa*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: O Globo

- (2003). “Sobre algumas funções da literatura”, in *Sobre a literatura*. Rio de Janeiro: Record.
- ELIADE, MIRCEA (1992). *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes.
- FELDMAN, SERGIO (2006). “A mulher na religião judaica (período bíblico: primeiro e segundo Templos)”. *Métis: história & cultura*, 5:10, 251-272.
- FERNANDES, FLORESTAN (2008). “Prefácio”, in Karl Marx. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Trad. e Intr. Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão Popular.
- FERRAZ, SALMA (2011). “Maria Madalena: a antiadissemia da discípula amada”, in Salma Ferraz (Org.). *Maria Madalena: das páginas da Bíblia para a ficção (textos críticos)*. Maringá: EDUEM, 11-30.
- FERREIRA, ANA PAULA (2018). “Saramago’s axiology of gender difference”, in Carlo Salzani & Kristof Vanhoutte (Ed.). *Saramago’s Philosophical Heritage*. London: Palgrave MacMillan, 163-191.
- FERRER, ESTHER (2017). *Performance y utopía*. Murcia: CENDEAC.
- FERSINI, MARIA PINA (2018). “Fazer a história das margens: o imperativo categórico de *Memorial do Convento* e *La vie des hommes infâmes*”. *Anamorphosis—Revista Internacional de Direito e Literatura*, 4: 2, 241-277.
- FIGUEIREDO, ISABELA (2011). *Caderno de Memórias Coloniais*. Coimbra: Angelus Novus. Reeditado, em versão aumentada, com prefácios de Paulina Chiziane e José Gil. Lisboa: Ed. Caminho.
- (2016). *A Gorda*. Lisboa: Ed. Caminho.
- (2022). *Um Cão no Meio do Caminho*. Lisboa: Ed. Caminho.
- FIGURELLI, R. (1987). “Sartre e a literatura engajada”. *Revista de Letras UFPR* 36, 89-111.
- FIOCRUZ (2021). “O que é uma pandemia”, <<https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>> (último acesso em 24/08/2024).
- FISCHER-LICHTE, ERIKA (2011). *Estética de lo Performativo*. Madrid: Abada Editores.
- FOUCAULT, MICHEL (1968). *Las palabras y las cosas: una arqueología de las ciencias humanas*. México: Siglo XXI.
- FRIAS MARTINS, MANUEL (2014). *A Espiritualidade Clandestina de José Saramago*. Lisboa: Fundação José Saramago.
- FRYE, NORTHROP (1973). *O Caminho Crítico*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- (2021). *O Código dos Códigos. A Bíblia e a Literatura*. Lisboa: Edições 70.
- (2022). *Elogio da Literatura*. Trad. Jorge Melícias. Lisboa: Edições 70.
- FUKUYAMA, FRANCIS (1992). *O Fim da História e o Último Homem*. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco.
- FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO (2017). “Carta Universal de Deveres e Obrigações dos Seres Humanos”. <<https://www.josesaramago.org/carta-universal-dos-deveres-e-obrigacoes-dos-seres-humanos/>> (último acesso em 01/07/2022).
- GARRETT, ALMEIDA (1966) [1845 e 1850]. *O Arco de Sant’ Ana*. Porto: Livraria Civilização.

- GONZÁLEZ GIL, ISABEL (2023). “El giro performativo en poesía: perspectivas teóricas y nuevos lenguajes”. *Tropelías. Revista de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada*, 9, 19- 33. <https://doi.org/10.26754/ojstropelias/tropelias.202399542>.
- HAN, BYUNG-CHUL (2015a). *Psicopolítica. Neoliberalismo y nuevas técnicas de poder*. Trad. Alfredo Bergés. Editor digital: Turolero.
- (2015b). *En el Enjambre*. Trad. Raúl Gabás. Editor digital: Turolero.
- (2015c). *El Aroma del Tiempo*. Trad. Paula Kuffer. Editor digital: Titivillus.
- (2016). *Topología de la Violencia*. Trad. Paula Kuffer. Editor digital: Titivillus.
- (2017). *La Expulsión de lo Distinto*. Trad. Alberto Ciria. Editor digital: Titivillus.
- (2018). *A Expulsão do Outro*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água.
- (2020). *Do Desaparecimento dos Rituais. Uma topologia do Presente*. Trad. Alberto Ciria. Barcelona: Herder.
- (2020). *La Desaparición de los Rituales. Una Tipología del Presente*. Trad. Alberto Ciria. Barcelona: Herder Editorial.
- HARAWAY, DONNA (1991). “A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century,” in *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*. New York; Routledge, 149-181.
- (1991a). *Ciencia, Cyborg y Mujeres. La Reinvenion de la Naturaleza*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- (2016). *Manifiesto de las Especies de Compañía*. Bilbao: Sans Soleil Ediciones.
- (2019a). “Jugando a figuras de cuerdas con especies compañeras”, in *Seguir con el problema. Generar parentesco en el Chthuluceno*. Bilbao: Consonni.
- (2019b). “Las promesas de los monstruos: una política regenerativa para los inadaptados/ables otros”, in *Las promesas de los monstruos. Ensayos sobre ciencia, naturaleza y otros inadaptables*. España: Holobionte Ediciones.
- (2023). “El pasado es la zona en disputa: naturaleza humana y teoría de la producción y la reproducción en los estudios del comportamiento de los primates”, in *Mujeres, simios y cíborgs. La reinvencción de la naturaleza*. España: Alianza Editorial.
- HATHERLY, ANA (1976). “Recensão crítica a ‘O Ano de 1993’, de José Saramago”, *Revista Colóquio/Letras*, 87-88.
- HERCULANO, ALEXANDRE (1972) [1843]. *O Bobo*. Venda Nova: Livraria Bertrand.
- (1987) [1851]. *Lendas e Narrativas*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- (1998) [1844]. *Eurico, o Presbítero*. Lisboa: Ulisseia.
- HUTCHEON, LINDA (1988). *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*. Oxford: Routledge.
- (1989). *Uma Teoria da Paródia*. Rio de Janeiro: Edições 70.
- IASI, MAURO (2011). *Ensaio sobre a Consciência e Emancipação*. São Paulo: Expressão Popular.
- (2017). *Política, Estado e Ideologia na Trama Conjuntural*. São Paulo: ICP.
- KOLEFF, MIGUEL (2013). *La Caverna de José Saramago. Una imagen dialéctica*. Córdoba: Editorial de la Universidad Católica de Córdoba.
- (2017). *El Perro de las Lágrimas*. Córdoba: Ferreyra editor.

- KOOGAN/HOUAISS (1997). *Enciclopédia e Dicionário Ilustrado*. Rio de Janeiro: Edições Delta.
- LA BOÉTIE, ETIENNE DE (2017). *Discurso sobre a Servidão Voluntária*. São Paulo: Edipro.
- LE GOFF, JACQUES (2003). *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp.
- LEHMANN, HANS-THIES (2017) [1999]. *Teatro Pós-Dramático*. Lisboa: Orfeu Negro.
- LEVINAS, EMMANUEL (2006). *Humanism of the Other*. Trad. Nidra Poller. Urbana and Chicago: University of Illinois Press.
- LISPECTOR, CLARICE (2000). *Perto do Coração Selvagem*. Lisboa: Relógio d'Água.
- LOPES, JOÃO MARQUES (2010). *Saramago — Biografia*. São Paulo: Leya.
- LOPES, LUCAS DA SILVA (2012). “(Re)contar (um)a história: Saramago e a sua história do cerco”, *Língua, Literatura e Ensino*, 7:9, 87-95.
- LOPES, VERA (2022). “Ensaio sobre a Cegueira e Ensaio sobre a Lucidez: estética e engajamento promovidos por José Saramago”, in Carlos Nogueira (Org.), *José Saramago: a escrita infinita*. Lisboa: Tinta da China.
- (2023). “Da caverna de Platão para a caverna de Saramago: um movimento contrário e mais fundo”, in Carlos Nogueira (Org.), *José Saramago: a lucidez da escrita*. Lisboa: Tinta da China.
- LOURENÇO, EDUARDO (1978). *O Labirinto da Saudade – Psicanálise Mítica do Destino Português*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- (1994). “Saramago: um teólogo no fio da navalha”, in *O Canto do Signo*. Lisboa: Editorial Presença, 184-188.
- (2016). *O Labirinto da Saudade*. Rio de Janeiro: Tinta da China Brasil.
- LOURENÇO, FREDERICO (Trad.) (2022). *Evangelhos Apócrifos Gregos e Latinos*. Lisboa: Quetzal.
- LÖWY, MICHAEL (2005). *Walter Benjamin. Aviso de Incêndio — uma Leitura das Teses “Sobre o Conceito de História”*. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brandt. São Paulo: Boitempo.
- LUÍS, SARA BELO (2000). “José Saramago: ‘O centro comercial é a nova universidade’”. *Revista Visão*, 21.
- LUKÁCS, GYÖRGY (1977) [1972]. *Le Roman historique*. Paris: Petite Bibliothèque Payot.
- LYOTARD, JEAN-FRANÇOIS (2013). *A Condição Pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- MACHADO, CARLOS (2020). “O método da anarquia: epistemologia da História na narrativa saramaguiana”, in Carlos Reis (Coord.). *José Saramago 20 anos com o Prémio Nobel*. Coimbra: IUC., 99-121.
- MARTINS, ADRIANA ALVES DE PAULA (2000). “Todos os nomes ou uma viagem pelos labirintos da cidade na busca do nome que cada um tem”. *Veredas*, 3, 341-350.
- MARTINS, MANUEL FRIAS (2014). *A Espiritualidade Clandestina de José Saramago*. Lisboa: Fundação José Saramago.
- MARX, KARL (2008). *Contribuição à crítica da economia política*. Trad. e Intr. Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Expressão Popular.

## Referências

- (2011). *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. Trad. e notas de Nélio Schneider; prólogo Herbert Marcuse. São Paulo: Boitempo.
- (2013). *O Capital: Crítica da Economia Política. Livro I: o processo de produção do capital*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo.
- MARX, KARL E ENGELS, FRIEDRICH (2005). *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo.
- (2007). *A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stiner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Matorano. São Paulo: Boitempo.
- MARQUARD, ODO (1983). “Gesamtkunstwerk und Identitätssystem – Überlegungen im Anschluß an Hegels Schellingkritik”, in Susanne Häni e Harald Szeemann (Eds.): *Der Hang zum Gesamtkunstwerk – Europäische Utopien seit 1800*, Aarau: Sauerländer 1983, 40-49.
- MATEUS, ISABEL (2017). “Do animal ao inanimal: figurações canídeas na obra de J. Saramago”. em *Figuras do animal. Literatura, cinema, banda desenhada*. Famalicão: Húmus.
- MERLEAU-PONTY, MAURICE (2014) [1961]. *O Olho e o Espírito*. Trad. Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosacnaify.
- (1999 [1945]). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- MEZQUITA DE HARO, NURIA E GARCÍA VILLARÁN, ANTONIO (2012). *Perfopoesía. Sobre la poesía escéncia y sus redes*. Sevilla: Cangrejo Pistolero.
- MOISÉS, MASSAUD (2006). *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Editora Cultrix.
- MONTAIGNE, MICHEL DE (2016). *Ensaaios*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Editora 34.
- (1962). *Oeuvres Complètes*. Paris: Éditions Gallimard.
- MORAIS, GRAÇA (2005). *Retratos e Auto-Retratos / Portraits And Self-Portraits*. Cascais: Centro Cultural de Cascais, Fundação D. Luís I.
- MORENO CAPLLIURE, JOHANNA (2020). “Ficcionalizar la teoría. Donna Haraway y las narraciones especulativas sobre mundos posibles”, in *Space Fiction Visiones de lo cósmico en la ciencia-ficción*. España: Cinestesia.
- MOURA, VALMIR (2013). “Protoevangelho de Tiago: um estudo sobre crenças ‘alternativas’ nos primeiros séculos da era cristã”. <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4217>>, (último acesso em 20/00/2022).
- MUCHEMBLED, ROBERT (2001). *Uma História do Diabo. Séculos XII-XX*. Rio de Janeiro: Bom Texto.
- NETO, PEDRO FERNANDES DE OLIVEIRA (2021). “O Ano de 1993 ou o Encontro dos Tempos, dentro e fora da Revolução”. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 42:1, 59-76.
- NETTO, JOSÉ PAULO (2011). *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular.
- NEVES, MARIA DO CÉU PATRÃO (2017). “Alteridade e deveres fundamentais: uma abordagem ética”. *Revista Direitos Fundamentais e Alteridade*, 1:1, 69-86.
- NIETZSCHE, FRIEDRICH (1997). *O Anticristo*. Lisboa: Edições 70.

- NOGUEIRA, CARLOS (2018). *Resposta a Italo Calvino*. Porto: Livraria Lello.
- (2022). “Prefácio. José Saramago: (re)escrever a vida”, in *José Saramago: a escrita infinita*. Lisboa: Tinta-da-China.
- NOGUEIRA, CARLOS E SILVA-SEMIK, VÉRONIQUE (2016). “Poesia oral tradicional e funcionalidade”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 16, 24-42. <<https://run.unl.pt/handle/10362/18686>>, (último acesso em 10/07/2022)
- NUNES JUNIOR, ROBERTO (2017). “O conceito de história em Karl Marx”. *Griot: Revista de Filosofia*, 1, 277-290.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS) (2024). “Health and Well-Being”, <<https://www.who.int/data/gho/data/major-themes/health-and-well-being>> (último acesso em 22/08/2024).
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS) (2020). “OMS afirma que Covid-19 é agora caracterizada como pandemia”, <<https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>> (último acesso em 22/01/2023).
- ORNELAS, JOSÉ N. (2023). “Da imutabilidade à mutabilidade: a construção do eu em Todos os nomes”, in Carlos Nogueira (Org.), *José Saramago: a lucidez da escrita*. Lisboa: Tinta da China, 255-278.
- PAGELS, ELAINE (2021). *Os Evangelhos Gnósticos*. Trad. Luís Torres Fontes. Porto: Via Óptima.
- PAPA FRANCISCO (2020). “Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social”, <<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco20201003enciclica-fratelli-tutti.html>> (último acesso em 22/01/2023).
- PAZ, OCTAVIO (1991). *Convergências*. Barcelona: Seix Barral.
- (1994). *A Dupla Chama: Amor e Erotismo*. Trad. Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano.
- (2013). *Os Filhos do Barro: do Romantismo à Vanguarda*. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify
- PEDRO, ROSA (2020). *Lilith – A mulher primordial. O feminino e o sagrado*. Lisboa: Zéfiro.
- PENAS, SILVIA (2021). *O resto é céu*. Poio: Urutau.
- (2023). *Retrato de vodas, partos e funerais*. Vigo: Galaxia.
- (2024). “Uma mulher ainda não parou o mais longo gemido da história do mundo (Revisitar O Ano de 1993 de J. Saramago)”, in *O Ano de 1993. Graça Morais, José Saramago*. Cat. exposição, (Coords.) Burghard Baltrush, Joana Baião e Egídia Souto, p. 46. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.
- PESSOA, FERNANDO (2015). *A hora do Diabo e outros contos de Fernando Pessoa*. Porto Alegre: Editora Bestiário.
- PETERSEN, PAULA KARINA VERAGO (2017). “O narrador errante e paródico em Caim, de José Saramago”, *Anais do XXVI Congresso Internacional da ABRAPLIP*, 1389-1436

## Referências

- PLATÃO (2000). “A Alegoria da caverna”, *A República*, 514a-517c, Trad. Lucy Magalhães, in Danilo Marcondes, *Textos Básicos de Filosofia: dos Pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- QUEIRÓS, EÇA DE (2014) [1897]. *Adão e Eva no Paraíso*, Belém: Unama <<http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leitonline/eca6.pdf>> (último acesso em: 25/04/2022).
- QUENTAL, ANTERO DE (2008). *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*. Lisboa: Tinta Da China.
- QUIROGA, CARLOS (2010). “A costela galega e universal de Saramago”. *Biblos*, 45, 26-27.
- RAVASI, GIANFRANCO (2016). “Diga-nos, Maria Madalena, o que viste no caminho?”. *Revista IHU on-line*, 489, 28-30. <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6529-gianfranco-ravasi>>, (último acesso em 13/08/2020).
- REAL, MIGUEL (2021). *Pessoa & Saramago*. Lisboa: D. Quixote.
- REGO PAULA (1994). “Mulher Cão”. Pastel sobre tela. 120×160. Reprod. in Ruth Rosengarten (Ed.): *Compreender Paula Rego – 25 perspectivas*. Porto: Fundação de Serralves, 2003, 72.
- REIMER, IVONI (2016). “O poder sob a égide do sagrado: manutenção do domínio religioso e normatização da crença”. *Revista IHU On-Line*, 489, 35-39. <<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6531-ivoni-richter-reimer>>, (último acesso em 13/08/2020)
- REIS, CARLOS (1996). “Romance e História depois da Revolução. José Saramago e a ficção portuguesa contemporânea”, in Giulia Lanciani (Ed.). *José Saramago. Il Bagaglio dello Scrittore*. Roma: Bulzoni, 23-36
- (1998). *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Ed. Caminho.
- (2015). *Diálogos com José Saramago*. Porto: Porto Editora.
- REMÉDIOS, MARIA LUIZA RITZEL (2011) “José Saramago: a lucidez da escrita, ficção inovadora e criativa”. *IPOTESI*, 15:1, 163-172.
- REYES MATE (2006). *Medianoche en la Historia*. Madrid: Editorial Trotta.
- REYES, JESÚS NAVARRO (2007). *Pensar sin certezas. Montaigne y el arte de conversar*. Madrid: Fondo de Cultura Económica.
- RICOUER, PAUL (1992). *Oneself as Another*. Trad. Kathleen Blamey. Chicago: University of Chicago Press.
- RODRIG, D. (2011). *A Globalização foi longe demais?*. São Paulo: Editora Unesp.
- ROLO, DUARTE, DELLA SANTA, ROBERTO E VARELA, RAQUEL (Org.) (2021). *Trabalhar e Viver no Século XXI: Estudos do trabalho em Portugal*. Vila Nova de Famalicão: Húmus.
- ROQUE, FÁTIMA (2012). “História, memória, viagem: percursos do eu e do (s) outro(s) em Saramago”, in *Conferência Literatura & Turismo*, Lisboa: Faculdade de Letras da ULisboa.
- ROZAS, RAMÓN (2019). “El escepticismo de Saramago”. *Diario de Pontevedra*, 8.

- SÁ, MARIA IRENE DA FONSECA E (2022). “A irracionalidade do mundo e a presença de cães nos romances de Saramago”, in Carlos Nogueira (Org.), *José Saramago: a escrita infinita*. Lisboa: Tinta-da-China, 83-103.
- SALZANI, CARLO E VANHOUTTE, KRISTOF (Ed.) (2018). *Saramago’s Philosophical Heritage*. London: Palgrave MacMillan.
- SALZANI, CARLO (2018). “Correcting History: Apocalypticism, Messianism and Saramago’s Philosophy of History”, in Carlo Salzani & Kristof Vanhoutte. *Saramago’s Philosophical Heritage*. London: Palgrave MacMillan, 19-37.
- SANDERS, ED PARISH (2004). *A Verdadeira História de Jesus*. Trad. Teresa Toldy. Cruz Quebrada: Editorial Notícias.
- SANTIAGO, CAMILA (2018). “Female Representations in José Saramago: A Space for Oppositional Discourses from the Canonical Gospels to the Gospel according to Jesus Christ”, in Carlo Salzani & Kristof Vanhoutte. *Saramago’s Philosophical Heritage*. London: Palgrave MacMillan, 143-162.
- SANTOS, IAGO NUNO DOS (2022). “Entre ficção e história: a organização estética no romance de José Saramago”. *Desassossego*, 14 (28), 22-46.
- SARAMAGO JOSÉ (1947). *Terra do Pecado*. Lisboa: Ed. Minerva.
- (1982). *Memorial do Convento*. Lisboa: Ed. Caminho.
- (1984). *Memorial do Convento*. Lisboa: Ed. Caminho
- (1984a). *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Ed. Caminho.
- (1986). *Deste Mundo e do Outro*. Lisboa: Ed. Caminho.
- (1987). *A Segunda Vida de Francisco de Assis*. Lisboa: Ed. Caminho.
- (1987a). “José Saramago”, entrevista formulada por Carlos Quiroga e conduzida por Elvira Souto e Francisco Salinas Portugal, in *O Mono da Tinta*,—, 2, 10-13.
- (1987b). *História do Cerco de Lisboa*. Lisboa: Ed. Caminho.
- (1987c) [1975]. *O Ano de 1993*. Ilustrações de Graça Morais. Lisboa: Ed. Caminho.
- (1989). *História do Cerco de Lisboa*. Lisboa: Ed. Caminho.
- (1989a). “Um ponto de vista de escritor: necessária reinvenção da língua portuguesa”. Actas do II Congresso Internacional da Associação Galega da Língua— (1987). A Corunha: Associação Galega da Língua, 881-885.
- (1989b). “Entrevista a José Saramago por J. Rentes de Carvalho em 9 de Fevereiro de 1989”. Trad. em neerlandês e publicada em Amsterdão no matutino De Volkskrant— (10/03/1989). Com o título Memoriaal van het Klooster, a tradução neerlandesa foi editada pela De Arbeiderspers no Outono de 1989 <<http://tempocontado.blogspot.com.es/2013/11/jose-saramago-1989.html>> (último acesso em 10/10/2022).
- (1989c). *História do Cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (1990). “História e ficção”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*,— (27/03/1990), 17-20.
- (1991). *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Ed. Caminho.
- (1991a). “Deus é o mau da fita”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 487.
- (1993). *In Nomine Dei*. Lisboa: Ed. Caminho.
- (1994). *Cadernos de Lanzarote. Diário I*. Lisboa: Ed. Caminho.
- (1995). *Ensaio sobre a Cegueira*. Lisboa: Ed. Caminho.

## Referências

- (1995a). “Sessão de apresentação do livro *Ensaio sobre a Cegueira* em Lisboa”, <<https://catedrasaramago.webs.uvigo.gal/Uploads/archivos/ensaio-sobre-a-cegueira-o-livro-e-o-filme-c16e7b.pdf>>.
- (1996) [1973]. *A Bagagem do Viajante*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (1997). *Todos os Nomes*. Lisboa: Ed. Caminho.
- (1997a) [1993-1995]. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (1998). “Uma conversa com José Saramago”. Entrevista conduzida por Pedro Casteleiro e Antom Malde para Folhas de Cibrão, *Revista Universitária de Investigação Científica*, publicada, II, Maio 1990, 9-26. Reproduzida integralmente em Copyright —pensamento, crítica e criação— (19/12/1998). <<https://www.udc.es/dep/lx/cac/sopirrait/sr067.html>> (último acesso em 10/10/2022).
- (1998a). “Declaração dos deveres humanos”, [Discurso de Estocolmo, pronunciado a 10 de Dezembro de 1998 na Academia Sueca] <<https://declaracaodevereshumanos.org/discurso-de-estocolmo/>>
- (1998b). “De como a personagem foi mestre e o autor seu aprendiz”, [Discurso pronunciado a 7 de Dezembro de 1998 na Academia Sueca] <<https://www.josesaramago.org/wp-content/uploads/2021/06/discursosestocolmoportugues.pdf>>, (último acesso em 29/08/2024).
- (1998c). *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (1998d). *Discursos de Estocolmo*. Lisboa: Fundação José Saramago.
- (1998e). *Os Apontamentos. Crónicas políticas*. Lisboa: Caminho.
- (1999). *A Estátua e a Pedra*. A cura di Giancarlo Depretis. Poscrita di Luciana Stegagno Picchio. Alessandria: Edizioni dell’Orso, Biblioteca Mediterranea.
- (1999a). *Cadernos de Lanzarote. Diário V*. Lisboa: Ed. Caminho.
- (1999b). “O tempo e a História”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*,— (27/01/1999), 5.
- (1999c). *Cadernos de Lanzarote II*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (2000). “A história como ficção, a ficção como história”. *Revista de Ciências Humanas*, 27, 9-17.
- (2000a). *A Caverna*. Lisboa: Ed. Caminho.
- (2000b). *La Caverna*. Trad. de Pilar del Río. Buenos Aires: Alfaguara.
- (2000c). *A Caverna*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (2002). “Da memória à ficção, através da memória”, Palestra proferida na Kennedy Library, University of Massachusetts, Boston, 19-04-2002. Texto cedido pelo autor.
- (2002a). *O Homem Duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (2003). *El Día*. Tenerife: Notícia de la Agencia EFE, <<https://cuaderno.josesaramago.org/159925.html>>(último acesso em 15/08/2024).
- (2003a). *História do Cerco de Lisboa*. Rio de Janeiro: O Globo.
- (2005). *As Intermittências da Morte*. Lisboa: Ed. Caminho.
- (2006). *As Pequenas Memórias*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (2006a). *A Jangada de Pedra*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (2007). “A união ibérica”. Entrevista conduzida por João Céu e Silva a José Saramago”, *Diário de Notícias*— (15/07/2007). <<http://www.dn.pt/Inicio/interior.aspx?contentid=661318>>, consulta: 10.10.2022.

- (2008). *A Viagem do Elefante*. São Paulo: Companhia das Letras.
  - (2009). *Caim*. Lisboa: Ed. Caminho.
  - (2009a). *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras.
  - (2009b). “Um capítulo para o Evangelho” — (24/7/2009). <<https://caderno.josesaramago.org/53850.html>>, consulta: 19.08.2022.
  - (2009c). *Caderno 2*. Lisboa: Ed. Caminho.
  - (2009d). *Os Cadernos*. São Paulo: Companhia das Letras.
  - (2009e). *O Caderno*. Alfragide: Ed. Caminho.
  - (2010). *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras.
  - (2010a) [1989]. “Gosto do que este país fez por mim” (entrevista), in José Carlos de Vasconcelos (Ed.). *Conversas com Saramago. Os Livros, a Escrita, a Política, o País, a Vida*. Lisboa: Jornal de Letras, 13-31.
  - (2010b). *Ensaio sobre a Cegueira*. Lisboa: Ed. Caminho.
  - (2011). *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras.
  - (2011a). *Cadernos de Lanzarote. Diário V*. Alfragide: Ed. Caminho.
  - (2012). *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras.
  - (2012a) [1980]. *Levantado do Chão*. São Paulo: Companhia das Letras.
  - (2013). *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. São Paulo: Companhia das Letras.
  - (2013a). *Da estátua à pedra, e discursos de Estocolmo*. Belém: Ed.Ufpa; Lisboa: Fundação José Saramago.
  - (2013b). *A Estátua e a Pedra*. Lisboa: Fundação José Saramago.
  - (2014). *Manual de Pintura e Caligrafia*. Porto: Porto Editora.
  - (2014a). *História do Cerco de Lisboa*. Porto: Porto Editora.
  - (2014b). *Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas*. São Paulo: Companhia das Letras.
  - (2014c) [1990]. *Os Apontamentos*. Lisboa: Porto Editora.
  - (2015). Ensaio sobre a Cegueira: arquitetura de um romance: notas do autor, <<http://recursos.bertrand.pt/recurso?&id=10746269>> (último acesso em 22/01/2023).
  - (2015a). *Poesia completa*. Trad. Ángel Campos Pámpano. Barcelona: Alfaguara.
  - (2017). *Caim*. Porto: Porto Editora.
  - (2018). *A Viagem do Elefante*. Porto: Porto Editora.
  - (2018a). *O Caderno*. Porto: Porto Editora.
  - (2018b). *Último caderno de Lanzarote. O diário do ano Nobel*. São Paulo: Companhia das Letras.
  - (2022). *Poesia completa*. Espanha: Alfaguara.
  - (2022a). *Literatura e Compromisso. Textos de Doutrina Literária e de Intervenção Social*. Seleção, introdução e notas de Carlos Reis Belém. Ed.ufpa; Lisboa: Fundação José Saramago.
- SARAMAGO, JOSÉ, SOUSA, MARIA ALZIRA SEIXO E MARINHO, MARIA DE FÁTIMA (Org.) (1998). *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Ed. Caminho.
- SARTRE, JEAN-PAUL (2019). *Que é a literatura?*. Trad. Carlos Felipe Moisés. Petrópolis: Vozes.

- SCALFARI, EUGENIO (2020). “Para agir moralmente confiemos no instinto”, in Umberto Eco & Carlo Martini (Ed.), *Em que crê quem não crê? Um diálogo sobre a ética*. Trad. Valentim Marques & António Rocha. Lisboa: Gradiva, 91-98.
- SCHAEFFER, JEAN MARIE (2009). *El Fin de la Excepción Humana*. México: Fondo de Cultura Económica.
- SCHECHNER, RICHARD (2000) [1985]. *Performance. Teoría y prácticas interculturales*. Libros del Rojas: Buenos Aires.
- SEBASTIANI, LILIA (2016). “A história do mito e a falsificação”. *Revista IHU*, 489, 31-34. <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6530-lilia-sebastiani>>, consulta: 13.08.2020.
- SEIXO, MARIA ALZIRA (1987). *O Essencial sobre José Saramago*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- (1987). *O Essencial sobre José Saramago*. São Paulo: INCM.
- SENA, JORGE DE (1986). *Genesis*. Lisboa: Edições 70. <<http://www.lerjorgedesena.lettras.ufrj.br/antologias/ficcao-e-teatro/caim/>> (último acesso em: 25/04/2022).
- SILVA, MANUELA PARREIRA DA (2015). “A ‘Marca’ de Caim na obra de Fernando Pessoa”. *Forma Breve*, 12, 113-123, <<https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/5122>> (último acesso em: 25/04/2022).
- SILVA, TERESA CRISTINA CERDEIRA DA (1989). *José Saramago entre a História e a Ficção: uma saga de portugueses*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- (1999). “Do labirinto textual ou da escrita como lugar de memória”. *Colóquio/Letras*, 151-152, 249-265.
- SIMONI, KARINE (2011). “Um olhar sobre uma paixão: Maria Madalena entre a História e a Literatura”, in Salma Ferraz (Org.). *Maria Madalena: das páginas da Bíblia para a ficção (textos críticos)*. Núcleo de Es. Brasil: UFSC, 126-146. <<https://docplayer.com.br/3166119-Maria-madalena-das-paginas-da-biblia-para-a-ficcao-organizadora.html>>, (último acesso em 22/07/2022).
- SOARES, MARCELO PACHECO (2019). “‘Também se aprende com o Diabo’ — análise do personagem Pastor em *O Evangelho segundo Jesus Cristo, de José Saramago*”. *Guavira Letras*, 15:29.
- SOLOMON, ROBERT (2011). “Facing Death Together: Camus’s The Plague”, in Garry Hagberg (Ed.). *Art and Ethical Criticism*. Oxford: Editorial Offices, 163-183.
- SOUTO PRESEDO, MARIA ELVIRA (1989). *O romance português actual, uma literatura de autognose*. Tese de doutoramento, diretor José Luis Rodríguez Fernández. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico.
- (2000). “As pátrias do 25”. *O Máximo — Suplemento de documentação e informação da revista Agália*, 64, 21-22.
- SOUZA, RONALDO VENTURA (2007). “O Ano de 1993: um texto apocalíptico ou o prenúncio da heterodoxia religiosa em Saramago”. *Via Atlântica*, 8:1, 181-85. DOI: <<https://doi.org/10.11606/va.v0i1.50676>>.
- SOUZA, THANA MARA DE (2016). “Arte na filosofia de Sartre: tensão entre imaginação e engajamento”. *Revista Kinesesis*, 8:18, p.272-296.

- STAROBINSKI, JEAN (1992). *Montaigne em movimento*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.
- STEGNANO PICCHIO, LUCIANA (2000). “O futuro do pasado: *O Ano de 1993* de José Saramago”. *Veredas*, 351-62.
- STEINER, GEORGE (1993). *Presenças Reais*. Trad. de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Presença.
- (2007). *O Silêncio dos Livros*. Trad. de Margarida Sérvulo Correia. Lisboa: Gradi-va.
- TAYLOR, DIANA (2016). *Performance*. Trad. do espanhol por Abigail Levine. Durham: Duke University Press.
- TERDIMAN, RICHARD (1989). *Discourse/Counter-Discourse*. Ithaca: Cornell University Press.
- THIEM, ANNIKA (2008). *Unbecoming Subjects*. New York: Fordham University Press.
- TOMÉ, MÁRCIA (2010). “Linguagem ético-religiosa em Emmanuel Lévinas”. *Telecomunicação*, 40:3, 338-357.
- TORIZ PROENZA, MARTHA JULIA (2014). “Las ciencias cognitivas en los estudios del teatro y el performance”. *Cátedra de Artes*, 15, 59-82. <http://hdl.handle.net/11271/2560> (último acesso em 12/08/2024).
- VICTOR, JACQUES DE SAINT E TORANIAN, VALERIE. (2022). “Jean-Luc Mélenchon: ‘L’onde de choc de la Révolution de 1789 n’est pas épuisée’”, *Revue Deux Mondes*. <<https://www.revuedesdeuxmondes.fr/article-revue/jean-luc-melenchon-londe-de-choc-de-la-revolution-de-1789-nest-pas-epuisee/>>
- VIDEIRA, JOANA (2020). “A mulher nos interstícios da trama: análise da construção da personagem feminina em o conto ‘A Ilha Desconhecida’”, in Carlos Reis (Coord.). *José Saramago 20 anos com o Prémio Nobel*. Coimbra: IUC., 309-321.
- VIEIRA, JOSÉ (2021). “A morte e o caminho para o Belo. Uma reflexão em torno d’As *Intermitências*”, in Carlos Nogueira *et. al.* (Org.). *José Saramago e os Desafios do Nosso Tempo*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 135-148.
- (2022). “A morte, o elefante e Caim – da trilogia das fábulas ou da salvação do homem em José Saramago”, in *Revista de Estudos Saramaguianos*, 1:15, 114-129.
- WWF. (2022). *Relatório Planeta Vivo 2022 – Construindo uma sociedade positiva para a natureza*. Almond, R.E.A., Grooten, M., Juffé Bignoli, D. & Petersen, T. (Ed.), WWF Gland: Suíça.
- WAGNER, RICHARD (1911). “Das Kunstwerk der Zukunft”, *Sämtliche Schriften und Dichtungen*, Vol. 3, Leipzig: Breitkopf und Härtel.
- YOUNG, JAMES E. (1993). *Texture of Meaning: Holocaust Memorials and Meanings*. New Haven: Yale University Press.
- ZILBERMAN, REGINA (2021). “*O Ano de 1993*: distopia e direitos humanos”, *Gragoatá* 26:54, 795–819.
- ZORRINHO, CARLOS (2001). *Ordem, Caos e Utopia. Contributos para a história do século XXI*. Lisboa: Editorial Presença.